



O Camponês

ORGÃO DOS CAMPONESES DE PORTUGAL

PELA LUTA CONQUISTA-SE TRABALHO OU PÃO!

As agrárias e às autoridades de dezenas de mill ar de trabalhadores em nada lhes interessa a sorte de dezenas de mill ar de trabalhadores do campo que passam meses e

GRANDE EXEMPLO DE LUTA EM BALEISÃO

Em 2 de Agosto 40 trabalhadores desempregados foram à Casa do Povo de Baleisão reclamar trabalho. Como aí lhes dissessem que se arranjaría trabalho para os chefes de família, os trabalhadores, unidos responderam que «o trabalho tem de ser para todos porque os que estão aqui uns são chefes de família e outros são chefes de si mesmo e não têm ninguém que os sustente senão o trabalho.»

Cada vez maior número de trabalhadores foi todo os dias saber a resposta à Casa do Povo e sempre os dirigentes desta os enganavam com promessas... e demoras.

No dia 16 de Agosto 130 trabalhadores exigiram uma solução imediata que mais uma vez foi adiada para o dia seguinte. Nesse dia os trabalhadores souberam, pela sua pressão, que todas as promessas feitas eram puras mentiras.

Desesperados e dizendo «o trabalho vem quando vier, nós é que não morremos à fome» foram ao posto da GNR onde contaram ao cabo o que se passava. Como este respondesse que isso não era com ele os trabalhadores disseram-lhe «ninguém se interessa por nós, pois nós vamos apanhar caça que é o que a natureza produz.»

E assim fizeram, se bem que não andassem muito devido ao seu estado de fraqueza. Mas um guarda dum herdade foi queixar-se à GNR e imediatamente esta apareceu.

Ante as intimações da GNR todos unidos se recusaram a dar nomes e a entregar as perdizes. Também não permitiram que alguns fossem ao posto mas foram todos jun-

tos, concentrando-se aí mais de 600 pessoas. O capitão Delgado, da GNR de Beja, quiz também as perdizes e que um trabalhador entrasse no posto, Recusaram-se e um jovem disse em voz alta: «camaradas, não consentimos que vá alguém ao posto.»

O capitão, que estava junto, agarrou-o por um braço e levantou um vergalho contra ele mas rapidamente o povo avançou e arrancou o jovem das mãos do carrasco. Um sargento levantou a espada mas ela foi-lhe tirada e logo a seguir quebrou. Depois, como a força da GNR começasse aos tiros, o povo retirou-se e meteu-se nas suas casas. A GNR prendeu alguns trabalhadores e conservou presos três.

Mas pouco tempo depois foram colocados 30 trabalhadores em Beja, 45 na estrada de Serpa, 12 na construção da Casa do Povo, etc.

Permaneceram desempregados 40 jovens que continuam a lutar por TRABALHO OU PÃO!

Outras lutas contra o desemprego

Em Pias os trabalhadores desempregados juntaram-se no posto na GNR para falarem ao tenente de Moura que no tempo da ceifa prometeu deixar de haver desemprego. Como o tenente, apesar de novas promessas, nada resolveu, a sua acção ficou desmascarada para todos os trabalhadores. Estes passaram a concentrar-se na Casa do Povo. Pela sua insistência conseguiram emprego para algumas dezenas e depois para todos os sócios.

Também em Teixoso (Beira Baixa) a população protestou contra o roubo dos baldios feito pelo agrário Bernardo Cunha que, seguindo o exemplo dos Serviços Florestais, se achou no direito de semear as terras e ajuar todos os que lá iam apanhar lenha ou apascentar o gado. O agrário foi obrigado a entregar as terras ao povo e a pagar as custas do processo que ele pró, rio pusera em tribunal.

Igualmente a Junta de Colonização se tem apoderado de baldios como fez em Alvalados (Porto de Mós) dividindo-os em glebas que a ninguém aproveita pois os camponeses não têm recursos para as tratar.

Estes exemplos mo tram, nos que devemos estar atentos aos roubos dos baldios e que, pela nossa luta por liberdade, poderemos fazer a curar as intenções dos Serviços Florestais e dos agrários!

Conquistaremos melhores jornas na azeitona

Na apanha da azeitona, como em todos os trabalhos, a experiência mostra-nos que é possível arrancar melhores jornas desde que nos unamos, organizemos e lutemos. Nas Casas do Povo, nas Praças, em todos os locais onde os trabalhadores se juntam falemos sobre a jorna que devemos pedir, de acordo com a experiência dos anos passados e as possibilidades de luta deste ano.

Depois de bem combinarmos a jorna vamos todos à Praça e aí elejamos Comissões de Praça para encabeçar e orientar a luta;

Nestes trabalhos a unidade e a luta das mulheres são decisivas. Por isso devemos especialmente esclarece-las, uni-las e organizá-las em Comissões. Devemos procurar que também elas vão à Praça e que a sua jorna seja mais próxima da dos homens.

Quase sempre os agrários procuram explorar mais os trabalhadores por meio das empreitadas. No ano passado os valentes operários agrícolas de Pias deram um excelente exemplo acabando com essa forma de exploração, e exigindo o trabalho à jorna. Esse é o caminho a seguir por todo o lado. Só onde não for possível unir os trabalhadores na luta contra as empreitadas elas deverão ser tomadas, mas temos sempre que lutar para que sejam melhor pagas.

Se nos unirmos bem e com firmeza defendermos na Praça a jorna combinada, consegui-la-emos e poderemos depois na próxima semana aumentá-la como fizemos em algumas terras no ano passado.

Devemos ainda saber o que se combinou nas terras próximas para, na medida do possível, pedirmos uma mesma jorna em toda a região.

Unamo-nos, organizemo-nos e lutemos firmemente Conquistaremos melhores jornas na azeitona!

Unamo-nos, organizemo-nos e lutemos firmemente Conquistaremos melhores jornas na azeitona!

Unamo-nos, organizemo-nos e lutemos firmemente Conquistaremos melhores jornas na azeitona!

Unamo-nos, organizemo-nos e lutemos firmemente Conquistaremos melhores jornas na azeitona!

GERMANO VIDIGAL

Só neste número nos foi possível publicar a fotografia deste grande amigo e defensor dos camponeses, que foi assassinado pela PIDE em Montemor-o-Novo, fez 10 anos em 9 de Junho passado.



«O Camponês» presta assim uma homenagem à memória deste destacado operário, e mártir do povo.

Em Aldeia Nova de S. Bento também os trabalhadores se concentraram na Casa do Povo conseguindo trabalho para muitos deles.

Perde de Estremoz 35 trabalhadores que só faziam 3 dias por semana foram ao Presidente da Câmara reclamar os 6 dias. Este prometeu-lhes os 6 dias.

Numa freguesia de Montemor-o-Novo os trabalhadores desempregados começaram a organizar-se para lutar contra o desemprego. O presidente da Junta sabendo disso mexeu-se e um capataz começou a tirar os nomes de todos os desempregados dizendo que todos iam trabalhar. Os trabalhadores acreditaram mas na 1ª semana só foram 20' depois 30, 40, etc.

OS RENDEIROS DOS ARREDORES DE FARO são lançados para a ruína

Os arredores de Faro há três anos que os gananciosos proprietários das terras, entre os quais se destaca José Mendonça, vêm aumentando as rendas aos seus rendeiros.

Estes, com anos de péssimas colheitas, aumentos constantes dos adubos e o baixo preço de venda do que colhem, encontram-se numa situação afliitiva. Empenhando tudo para se manterem nas terras onde há anos têm vindo a dispender as suas energias, caminham para a ruína e para a fome.

Rendeiros! Só a vossa luta unida fará recuar os vossos exploradores. Segui o exemplo de muitos outros rendeiros; recusai-vos a pagar novos aumentos de rendas e a sair das terras que têm sido regadas com o vosso suor.

Todos juntos ou uma Comissão nomeada por todos vós deverá ir junto das autoridades locais protestar contra os novos aumentos exigindo que sejam tomadas medidas junto dos proprietários. Em exposição, assinada por todos, exige a baixa dos preços dos adubos e das contribuições!

CONTRA O ROUBO DOS BALDIOS

Os Serviços Florestais, criados pelo governo de Salazar para servir os interesses dos grandes agrários, prejudicam seriamente as populações rurais.

Com a criação da Guarda Florestal mais uma força repressiva foi posta ao serviço dos grandes lavradores. Mas além disso esses Serviços têm roubado muitas terras, sob o pretexto de que são baldios, onde os camponeses pobres apascentam os gados ou apanham alguma lenha ou mato. Naturalmente que as populações protestam contra estes roubos.

Foi o que sucedeu em Outeiro (Viana do Castelo) onde, em Fevereiro, devido à luta persistente de vários anos, o povo obteve uma vitória parcial pois parte das terras roubadas pelos Serviços Florestais foi de novo entregue à freguesia.

Lutemos contra a repressão! Não mais espancamentos!



As forças repressivas fascistas parece que se habituaram a tratar os trabalhadores só à pancada. Em Baleisão a GNR já há tempos não espancava qualquer trabalhador só porque sen pre que um era chamado ao posto todo o povo se juntava e exigia a sua libertação imediata impedindo que fosse batido. Mas agora, quando da luta contra o desemprego, a GNR, continuando a dar tiros na terra, prendeu alguns jovens e espancou-os.

Em Pias uma praça da GNR disse a 2 trabalhadores desempregados para irem raspar erva no posto. Como um se negou foi espancado. Ainda em Pias um jovem foi acusado de trocar dum soldado da GNR. Preso, depois de muito espancado... aporou-se estar inocente.

Recentemente dois «pieiros» desempregados foram presos pela GNR quando rabiscavam algumas azeitonas. Os guardas bateram-lhes com paus até partirem estes.

Tais exemplos, de entre tantos outros, mostram-nos como a repressão contra os trabalhadores está atingindo formas bárbaras.

É necessário que tais espancamentos não fiquem impunes. É necessário que sejam feitas participações dos guardas que batem pois não há nenhuma lei, mesmo fascista, que permita tal coisa. É necessário que os trabalhadores bem como toda a gente se de qualquer classe protestem contra os espancamentos e repudiem os seus autores.

«O Camponês» apela mais uma vez para todas as praças honestas da GNR e PSP para que não espanquem ou apontem as armas contra o povo, para que se unam e resistam às infames ordens dos seus superiores, para que se afastem daqueles que, tendo perdido a honra, passaram a ser verdadeiros carrascos do povo que lhes deu o ser.

Os nomes destas praças que se portam miseravelmente devem ser divulgados como criminosos de modo a não se confundirem os elementos honestos da GNR e PSP com esses que decharam de ser homens e merecem o nosso ódio.

NÃO QUEREMOS JORNAS DE FOME!

Em virtude da luta contra o desemprego foram abertos vários trabalhos mas as jornas são de fome e o horário de trabalho terrível.

O protesto dos trabalhadores contra essa infame exploração levanta-se cada vez mais.

No dia 22 de Setembro começou o arranjo da estrada Beja - Mértola. O empregado meteu 70 homens dizendo-lhes que quanto mais fizessem mais ganhavam, com horário de sol a sol. Estes, descontentes de não saberem quanto ganhavam, combinaram largar às 5 horas e assim fizeram. Ao empregado disseram que não trabalhavam: senão 8 horas e queriam 20\$00.

O explorador foi chamar a PSP que procurou intimidar e ameaçou

UM INIMIGO dos camponeses

O Dr. Delgado, do hospital de Beja, não é na verdade um médico.

Depois da luta de Baleisão este «senhor» mandou levantar todos os doentes dessa terra e mandou-os embora do hospital tendo um deles piorado muito. A uma camponesa que foi ao hospital com uma filha disse-lhe que não tratava ninguém de Baleisão.

Porque é que esse «médico» se porta assim? Terá o povo de Baleisão culpa de ter que ir buscar o pão para matar a fome? Ou acharia bem esse «médico» que o povo se deixasse bater à vontade pelo seu irmão (capitão Delgado) que é um carrasco?

os trabalhadores mas estes defenderam energicamente os seus direitos e exigiram e conquistaram os 20\$00 por aquele dia.

No dia seguinte o empregado pediu pessoal a uma Casa do Povo para trabalhar 8 horas mas os trabalhadores que se apresentaram não foram aceites pelo que reclamaram na Casa do Povo pelo prejuizo que sofreram.

Seis operários agrícolas ao irem levantar as guias na Casa do Povo para irem trabalhar para uma estrada no concelho de Estremoz, protestaram contra a jorna de 15\$70. Como lhes disseram para se queixarem na Câmara assim fizeram conseguindo um aumento de \$50. Apesar de ser muito pouco este aumento beneficiou mais de uma centena de trabalhadores que já trabalhavam na estrada.

Numa estrada do concelho de Serpa os trabalhadores recusaram-se a barrer pela jorna de 16\$50 com o desconto para o «Desemprego». Em virtude disso a Junta Autónoma aumentou a jorna para 18\$00. E logo os que partiam pedra conquistaram a mesma jorna.

Valentes operários agrícolas dos concelhos de Beja, Estremoz e Serpa! As vossas lutas são inteiramente justas. É necessário que pela vossa unidade e luta deixéis de ganhar jornas de fome.

Reforçai e organizai a vossa unidade e alargai-a aos trabalhadores das vossas regiões para impordes uma jorna mínima que não pode ser inferior a 20\$00 e um horário de trabalho justo!

OS OPERÁRIOS AGRÍCOLAS LUTAM NA CUF

Ante a dificuldade de conseguirem pessoal para o pesado trabalho da carga do adubo, os tubarões da CUF foram este ano contratar homens entre os operários agrícolas desempregados. Mais de 100 dos concelhos de Serpa e Beja foram para o Barreiro com um Contrato que fornece dormida e comida.

Mas a dormida fornecida foi simplesmente um ba-facão com alguma palha. Os trabalhadores uniram-se e protestaram firmemente dizendo que não queriam dormir nessas condições. Ante a sua unidade e firmeza os tubarões da CUF recusaram e mandaram por camas numa secção textil da sua fábrica.

Também quando um encarregado quiz que um tomim carregasse 2 sacos este retrucou: «Veja lá se quer pôr a CUF às nossas costas».

Apos estas primeiras vitórias, os operários agrícolas unem-se mais para melhorar a comida.

Bravos trabalhadores dos concelhos de Serpa e Beja! Onde quer que vos encontréis a experiência das vossas lutas lida-vos que é a unidade de que forja as vitórias!

Estrelai a unidade com todos os vossos companheiros de trabalho e que reforçará a unidade dos operários agrícolas da vossa região e continuai a defender firmemente os vossos direitos!

«O camponês»

A recolha de fundos para o nosso jornal, através de listas de auxílio, teve, pelo menos em alguns lados, um bom êxito. Ele seria muito melhor, porém, se em todas as terras se tivesse feito tudo o que era possível para recolher auxílio para «O CAMFONÊS». Apelamos para todos os nossos amigos que intensifiquem a recolha de fundos e que não fiquem nenhuma lista sem contribuições.

Que todos os camponeses ajudem «O CAMFONÊS» para «O CAMFONÊS» ajudar todos os camponeses.

Lista nº	Montante	Lista nº	Montante
1	20\$90	427	5\$00
2	25\$00	428	32\$50
3	7\$00	429	41\$00
38	21\$00	430	30\$50
50	30\$00	431	12\$50
114	10\$00	447	31\$00
152	37\$50	448	6\$50
172	5\$00	449	7\$50
173	10\$00	450	5\$00
174	20\$00	451	5\$00
176	4\$00	452	20\$00
179	2\$50	453	17\$50
180	5\$00	454	10\$00
189	20\$50	455	6\$00
207	10\$00	456	10\$00
208	10\$00	457	20\$00
210	8\$00	458	26\$00
212	13\$00	459	30\$20
221	6\$00	460	25\$00
231	20\$00	Maria Lamas	10\$00
235	17\$50	Quero Terrabar	0\$00
263	12\$00	fascismo	10\$00
Total		676\$10	

MAIS LUTAS MAIS VITÓRIAS NOS ARROZÁIS

No concelho de Alcácer do Sal a um rancho de operários agrícolas foi vedado o fornecimento numa cantina existente no local de trabalho. O rancho foi ter com o feitor e reclamou e conquistou esse direito bem como o de terem a luz acesa no dormitório até à hora que quizessem.

Um rancho do concelho de Sines foi contratado até certa data. Como foram despendidos antes exigiram o pagamento dos dias restantes. Como o agrário se recusou recorram ao Tribunal do Trabalho.

NA CORTIÇA,
Os tiradores de cortiça na região de Ermidas, que ganhavam 35\$00 sabendo que em outros lados se ganhava 40\$00 exigiram ao agrário esta jorna. Conquistaram-na bem como a diferença na semana anterior.

OUTRA LUTA
No concelho de Aviz um agrário trazia um rancho de 15 mulheres e quiz que fossem sacchar milho do mejo dia à tarde por 6\$00. As mulheres, todas unidas, recusaram-se a essa infame exploração.

Multiplicamos por todo o lado estas pequenas lutas que unem cada vez mais os operários agrícolas. Ihes ensinam que unidos são uma grande força e que lhes dão experiência para maiores vitórias.

Carta de um camponês

Em Ferreira do Alentejo há um bairro, que é S. Sebastião, construído de tábuas e de latas que formam barracas imundas, onde vivem 150 a 200 pessoas na maior miséria de todos os tempos, com grande parte de gente tuberculosa sem assistência contagiando seus filhos e vizinhos.

Há barracas com 2 metros em quadrado e outras pouco maiores onde vivem 6 e 7 pessoas sendo assim o maior número.

Há outro bairro chamado bairro da lata, ao pé do cemitério, onde vivem 300 pessoas. Os despejos são feitos a 50 metros das barracas e quando se aproxima o verão o cheiro é insuportável originando febres em muitas famílias e há vários tuberculosos. Há barracas onde vivem 10 pessoas.

Há aqui bastantes casas vazias mas são dos grandes agrários, só alugam a quem não tem filhos e em especiais condições.

Isto mostra que é necessário que os trabalhadores lutem por casas mas que sejam baratas pois nós não podemos pagar muito mas não queremos é viver na imundície, na doença e na miséria.

OS SOVIÉTICOS DOMINAM A NATUREZA

Na União Soviética tem-se procedido a profundos estudos sobre a produção de cereais em terras onde até aqui era impossível qualquer espécie de cultura, por isso mesmo chamadas terras virgens.

Têm sido feitas experiências nessas terras, situadas em climas frios e agrestes, que asseguraram colheitas de mais de toneladas e meia de grão por hectare (mais 2 vezes e meia do que se consegue obter no nosso país). Em vista destes bons resultados, o povo soviético meteu ombros à tarefa de tornar cultiváveis 40 milhões de hectares de terras virgens e baldias.

Quando estes 40 milhões de hectares estiverem a produzir (dentro de 5 ou 6 anos) darão ao povo soviético, em cada colheita, 60 milhões de toneladas de cereais (quase 20 vezes a produção anual do nosso país).

A realização desta gigantesca tarefa trará ao povo soviético ainda maior abundância de cereais (a União Soviética já é um dos maiores produtores de cereais do mundo) o que lhe permitirá, entre outras coisas, melhorar muito a qualidade do pão e de todos os produtos da farinha, aumentar muito a criação de ga-

do, permitindo assim a descida dos preços de todos estes produtos.

para realizar este grandioso trabalho em curto espaço de tempo serão empregadas as mais modernas máquinas agrícolas, mas mesmo assim são necessários muitos milhares de braços suplementares. Onde os encontrar se na União Soviética há muito desapareceu o desemprego? Para o conseguir o Governo Soviético fez um apelo ao povo para que se oferecessem voluntários que quizessem ajudar os camponeses a levar a cabo, em poucos anos, mais esta importante tarefa nacional.

De todos os cantos da União Soviética se ofereceram milhares de operários, camponeses, estudantes, intelectuais em número superior ao necessário (destacando-se pelo seu entusiasmo a feliz juventude soviética) que abandonaram temporariamente empregos, estudos, comodidades, sem outro interesse que não fosse o de ir ajudar fraternalmente os camponeses das regiões onde existem terras virgens e baldias a realizar mais esta grande tarefa socialista que será mais um passo dado no caminho para o comunismo.